

O extraordinário em metamorfose: uma análise da reconfiguração do imaginário nas narrativas do Caso Kliemann

The extraordinary in metamorphosis: an analysis of the reconfiguration of the imaginary in the narratives of the Kliemann case

Ricardo Luís Düren

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Fabiana Quatrin Piccinin

Universidade Federal de Santa Catarina – Santa Catarina – Brasil

Resumo: O artigo aponta as inferências às quais chegamos ao investigarmos o que ocorre a uma classe de sentidos chamada de imaginário, fruto de processos inerentes à subjetividade humana, quando materializada, na forma de narrativas, em dispositivos de mídia. A pesquisa propõe imbricações entre as teorias do imaginário e a epistemologia da mediatização, a partir da qual se entende que o sentido, uma vez materializado, fica à mercê de reconfigurações conforme mudanças históricas, sociais e geográficas, que inserem o enunciador e o interpretante em contextos distintos. Diante disso, o que nos intrigou foi o que ocorre ao imaginário, uma classe tão peculiar de sentidos, quando materializado. O corpus de pesquisa adotado em nossa investigação foram as narrativas jornalísticas do Caso Kliemann, episódio ocorrido no Rio Grande do Sul nos anos 1960, que foram tensionadas em relação a uma narrativa contemporânea sobre os mesmos fatos, como forma de verificar, na análise entre enunciados materializados em épocas distintas, as reconfigurações do imaginário.

Palavras-chave: Imaginário. Mediatização. Sentido. Reconfiguração. Caso Kliemann.

Abstract: The article points out the inferences to which we arrive when investigating what occurs in a class of senses called imaginary, the result of processes inherent to human subjectivity, when materialized in the form of narratives in media devices. The research proposes inbrications between the theories of the imaginary and the epistemology of mediatization, from which it is understood that the sense, once materialized, is at the mercy of reconfigurations according to as historical, social and geographic changes, that insert the enunciator and the interpretant in different contexts. Therefore, what intrigued us was what happens to the imaginary, a peculiar class of senses, when materialized. The research corpus adopted in our investigation were the journalistic narratives of the Kliemann Case, an episode that occurred in Rio Grande do Sul in the 1960s, which were tensioned in relation to a contemporary narrative about the same facts, as a way to verify, in analysis between utterances materialized in different moments, the reconfigurations of the imaginary.

Keywords: Imaginary. Mediatization. Sense. Reconfiguration. Kliemann Case.

1 Introdução

Neste artigo, excerto de pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)¹, abordamos as reconfigurações pelas quais passa uma classe particular de sentidos, chamada de imaginário, quando materializada, na forma de narrativas, em dispositivos de mídia. Para tanto, o que propomos é uma imbricação entre as teorias que buscam compreender o imaginário e a epistemologia da midiatização – no caso dessa, particularmente com foco nos fenômenos que incidem sobre sentidos antes etéreos, caso do pensamento e dos sentimentos, a partir do momento em que são disponibilizados em suportes de mídia.

No âmbito epírico, analisamos narrativas que foram disponibilizadas em suportes impressos de mídia em momentos históricos distintos e que abordam um mesmo episódio: o Caso Kliemann, nome dado a duas tragédias ocorridas no Rio Grande do Sul nos anos 1960 – a primeira, o misterioso homicídio da esposa de um deputado e a segunda, o assassinato do próprio deputado, baleado por um antagonista político em um estúdio de rádio no ano seguinte. A proposta da análise foi verificar as reconfigurações pelas quais passaram sentidos do imaginário que se acoplaram às narrativas jornalísticas do Caso Kliemann nesses diferentes momentos históricos – um deles, contemporâneo à tragédia e outro, posterior a ela em quase 50 anos.

No que toca ao imaginário, nos filiamos ao pensamento de Juremir Machado da Silva (2010), que propõe a hipótese de o imaginário ser um excedente de significação, entendido como uma carga de sentidos específicos que o ser humano, por força de processos cognitivos, atribui a determinados fatos ou eventos que ocorrem na concretude do mundo empírico, inicialmente, destituídos de sentidos. Sob esta perspectiva, fatos que simplesmente acontecem – desde uma queda de bicicleta a um desastre aéreo –, recebem, por força da subjetividade humana, novos

contornos em termos de sentidos: tornam-se eventos interessantes, comoventes, chocantes, revoltantes. Aprofundaremos essa perspectiva mais adiante.

Já a epistemologia da midiatização nos ajuda a compreender o que ocorre com o sentido quando materializado em suportes de mídia – caso das narrativas escritas, sejam impressas ou online, ou mesmo gravadas em áudio ou vídeo. Trata-se de uma linha de pesquisa bastante voltada ao estudo da circulação de sentidos na atual ambiência social, onde a propagação de novos dispositivos midiáticos – caso da internet – faz com que os indivíduos passem a interagir por intermédio deles (FAUSTO NETO, 2013, 2018). Por outro lado, essa epistemologia, ao buscar compreender os fenômenos que incidem sobre o sentido midiatizado, oferece insumos que possibilitam compreender a processualidade que gera reconfigurações de sentido, mesmo em cenários ainda não impactados pelas tecnologias midiáticas contemporâneas.

Autor basilar para a epistemologia da midiatização, Eliseo Verón (1980, 2005, 2013) relaciona a reconfiguração do sentido midiatizado às mudanças de contexto (histórico, social, geográfico) que ocorrem entre a enunciação e a interpretação, dado que o enunciador, uma vez tendo disponibilizado o sentido em plataforma de mídia, deixa-o à mercê de interpretantes situados em cenários diferentes do seu. Com base nesses apontamentos, o que nos inquieta é o impacto desse fenômeno sobre o imaginário. Perguntamo-nos o que ocorreria a essa classe tão particular de sentidos, repleta de subjetividades, quando materializada em dispositivos de mídia.

Para tanto fez-se necessário, para além de compreender o que é o imaginário, desenvolver metodologias que possibilitassem tanto identificá-lo em narrativas midiáticas quanto observar suas possíveis reconfigurações no transcurso do tempo. Para viabilizar essa análise, adotamos como corpus de pesquisa as narrativas jornalísticas acerca do Caso Kliemann, episódio ocorrido no Rio Grande do Sul nos anos 1960, o qual descreveremos mais adiante.

¹A pesquisa deu origem à tese intitulada *O Caso Kliemann e a Midiatização do Imaginário* (2021), disponível em <http://hdl.handle.net/11624/3346>.

2 Uma tentativa de compreender o imaginário

Para Silva (2017) o imaginário é compreendido como um excedente de significação. Em sua argumentação, o autor desenvolve a ideia de que fatos e eventos simplesmente acontecem na concretude do mundo, inicialmente destituídos de sentido. Um tropeção em via pública, o resultado de uma partida de futebol ou mesmo uma tragédia no trânsito são eventos que acontecem, em um primeiro momento, destituídos de sentido – eles tão somente acontecem. Contudo, por força das operações de seu aparato cognitivo, os indivíduos atribuem a esses eventos, por mais triviais que alguns deles sejam, determinados sentidos – de importância, admiração, choque, comoção, terror, revolta. Por força do imaginário, os eventos concretos adquirem, para os seres humanos, uma aura de deslumbramento. O imaginário é, portanto, “[...] a transfiguração da banalidade em extraordinário, a metamorfose do trivial em maravilhoso, a conversão inesperada, o salto” (SILVA, 2017, p. 21).

O autor descreve que o imaginário, dessa forma, apresenta-se como uma sucessão de camadas de sentido que revestem o real. Tirando-se essas camadas, em um processo que Silva (2017) chamada de “arqueologia do imaginário” (p.25), seria possível, inclusive, recuperar o real empírico em sua forma original, sem sentidos, sem subjetividades, sem seu aspecto extraordinário – e sem graça. Imaginário e real, portanto, estão imbricados em uma relação de dependência: o acontecimento real é o cerne sobre o qual o imaginário, na esteira de processos cognitivos, vai se manifestar.

Durand (1993, 1998), um dos expoentes da teoria do imaginário, relaciona essa classe de sentidos à tradição mitológica do *homo sapiens*, que, historicamente, teve nas narrativas míticas e religiosas uma tentativa de explicar o que, em muitas ocasiões, era inexplicável – tal como a origem do universo, do mundo e do próprio homem. Por força do imaginário, o *sapiens* historicamente criou narrativas que buscavam explicar como a atuação de deuses, demônios ou

outros entes sobrenaturais resultaram no surgimento do mundo concreto que nos cerca.

A relação entre mito e imaginário também remete à ideia de símbolo, outro conceito trabalhado por Durand (1993) que nos ajuda a compreender o que é o imaginário. Conforme o autor, o símbolo é uma representação que remete ao invisível e ao abstrato, a sentimentos, visões morais ou crenças. Na mitologia, entes sobrenaturais e valores morais são representados por símbolos – pinturas, esculturas, instrumentos ritualísticos ou mesmo os próprios ritos – elaborados a partir de imaginários socialmente compartilhados. Em enunciados, o símbolo emerge de determinadas construções textuais, tais como as canções e a poesia, que são metafóricas, ou seja, que alteram o sentido original previsto pela arbitrariedade dos signos (caso das palavras). Portanto, os símbolos são construções sem caráter rigorosamente arbitrário e cujos sentidos não podem ser plenamente confirmados, salvo por conta de sua reiteração no escopo social – como ocorre nos rituais. Por conta da reiteração, o sentido abstrato dos símbolos se torna socialmente compartilhado e, portanto, compreensível.

Durand (1998) sustenta que, ainda hoje, apesar de a ciência oferecer explicações para os mistérios do mundo em diferentes níveis, a tradição mitológica continua exercendo influência sobre os indivíduos. Por força do imaginário, as mesmas narrativas simbólicas continuam a ser contadas, ainda que adaptadas aos diferentes contextos históricos: o mito profano se adapta aos valores morais, éticos e sociais vigentes. Um exemplo citado pelo autor é a literatura, que reproduz antigos mitos, mas com heróis e demônios reaparecendo em papéis trocados, adaptados às exigências morais de seu tempo.

Um ponto-chave dessa afirmação se embasa na constatação, oriunda das pesquisas antropológicas e também presente em estudos da psicanálise, de que narrativas míticas e símbolos mitológicos muito semelhantes se repetem mesmo entre populações que, historicamente, nunca tiveram contato entre si. Tal fenômeno intrigou o psicanalista Carl Jung (2008), que observou, em seu consultório, pacientes

descreverem sonhos que tiveram ao dormir repletos de imagens (símbolos) míticas e com enredos muito parecidos a narrativas mitológicas que não eram conhecidas por tais indivíduos. Para Jung (2008), o fenômeno é resultado de uma tendência biológica do cérebro humano a elaborar as mesmas narrativas e símbolos independentemente do contexto em que o indivíduo está inserido. O psicanalista usa a expressão arquétipos para nomear essas tendências, herdadas biologicamente, de elaborar as mesmas narrativas e simbologias.

No âmbito dos estudos do imaginário, o conceito de arquétipo desenvolvido por Jung (2008) se tornou insumo para compreender as raízes dessa forma tão peculiar de sentidos. Nesta seara, a ideia de arquétipo como tendência biológica à elaboração de imagens simbólicas mescla-se à perspectiva Bachelard, que usa a expressão “centro de imagens” ao desenvolver um conceito parecido à ideia junguiana de arquétipo. Bachelard (1996) argumenta que as criações oníricas dos indivíduos – as narrativas que sonham ou imaginam – nascem desse centro de imagens, armazenado nos recôncavos do aparato psicológico dos indivíduos e comum a todos eles. Para o autor, as construções oníricas que emergem desse centro de imagens, por mais que tenham raízes míticas, voltam-se particularmente ao futuro: ajudam a elaborar o imaginário de um porvir feliz e tranquilo, uma vida adulta caracterizada pela alegria típica da infância:

Há seguramente em nós uma imagem, um centro de imagens que atrai as imagens felizes e repele as experiências do infortúnio. No seu princípio, todavia, essa imagem não é inteiramente nossa; tem raízes mais profundas que as nossas simples lembranças. Nossa infância testemunha a infância do homem, do ser tocado pela glória de viver. (BACHELARD 1996, p. 118-119).

Nesse aspecto, percebe-se forte relação entre o pensamento bachelardiano e o de Maffesoli (1988), o qual atribui ao imaginário – originário dos arquétipos, ou do centro de imagens – o status de força que leva os indivíduos a construir novos mundos, não só no plano subjetivo, mas também físico. Para Maffesoli

(1988), o imaginário impulsiona os indivíduos, no âmbito social, à busca pelo progresso (científico, tecnológico, econômico), o qual, via de regra, é entendido como uma forma de acesso à felicidade. Para expressar essa ideia, o autor atribui ao imaginário o status de “motor social” e “cimento social”.

Cimento social porque o compartilhamento de imaginários míticos, ainda que transfigurados em novas roupagens – fenômeno que Maffesoli (1988) chama de pseudomorfose – mantém as sociedades unidas. É o caso da crença socialmente compartilhada em determinados conceitos abstratos, como deuses, ideários morais ou mesmo a ideia de nação, a qual une os indivíduos sob a simbologia de uma bandeira, a ser defendida mesmo ao custo de derramamento de sangue. Agregados por essas crenças em comum, os indivíduos se movem juntos na direção de ideários de progresso, momento em que o imaginário atua como motor social.

Em nossa pesquisa, o estudo das relações entre imaginário e mito, passando pela perspectiva do imaginário como excedente de significação e de seus reflexos no escopo social – visíveis na perspectiva do imaginário como cimento e motor social – não só ajudou a compreender essa classe de sentidos, como também a elaborar uma metodologia de identificação do imaginário, que sintetizamos a seguir.

3 A metodologia de identificação do imaginário

Para verificar como o imaginário passa por reconfigurações quando materializado em suportes de mídia, faz-se necessário, em um primeiro momento, identificar a presença dessa classe de sentidos em narrativas midiáticas. Para dar conta disso, elaboramos uma metodologia de identificação do imaginário com base em peculiaridades dessa classe de sentidos, elencadas a partir do estudo das teorias do imaginário. No âmbito de nossa pesquisa, essa metodologia específica consistiu em um primeiro passo para viabilizar a aplicação de uma segunda metodologia, essa com vistas a observar a

reconfiguração do imaginário no transcurso do tempo – a qual abordaremos mais adiante.

Assim, em um primeiro momento elaboramos uma perspectiva metodológica que contou com sistematização de cinco indicadores da presença do imaginário nos enunciados, a saber:

a) Expressões que remetem a um transbordamento de sentidos ou a um excedente de significação, conforme os apontamentos de Silva (2017). Neste viés, buscamos a presença de expressões que geram a sensação de excesso, tais como hipérbolos, adjetivos ou outras palavras e construções textuais que geram sensações de exagero, impacto, choque, grandiosidade, deslumbramento ou comoção.

b) Símbolos socialmente compartilhados e arquétipos. Nesse quesito, buscamos nas narrativas expressões que remetem a símbolos, conforme o conceito de símbolo desenvolvido por Durand (1993), o que inclui enunciados sem caráter rigorosamente arbitrário e cujos sentidos não podem ser plenamente confirmados, salvo por seu compartilhamento social – caso, por exemplo, das expressões metafóricas.

c) Imagens mítico-religiosas, considerando-se os apontamentos de Durand (1993, 1998) acerca da relação entre mito e imaginário. Na seara do mito, inserimos também como elementos da ordem do imaginário as referências aos heróis míticos modernos – a quem Morin (2006) chama de olimpianos modernos –, ou seja, indivíduos de carne e osso que são cultuados nas sociedades contemporâneas por conta de suas conquistas e do status social. É o caso dos esportistas, artistas ou indivíduos de elevado poder econômico.

d) Enunciados que remetem a motor e cimento social, a partir dos apontamentos de Maffesoli (1988).

e) Enunciados que remetem a mistério, entendendo o mistério como um elemento que força o imaginário a elaborar narrativas que o expliquem – caso dos mitos. Esse indicador também relaciona-se à ideia, desenvolvida por Bachelard (1996), da imaginação como uma força criadora que impulsiona o indivíduo a buscar soluções.

No transcurso da análise pragmática, essa primeira metodologia possibilitou verificar a presença de elementos da ordem do imaginário nas narrativas sob análise, a fim de observar, em um segundo momento, de que forma tais sentidos passavam – ou não – por reconfigurações por conta da sua materialização em dispositivos de mídia. Para tanto, foi necessário considerar fenômenos que, à luz da epistemologia da mediação, incidem sobre o sentido, reconfigurando-o.

4 A reconfiguração do sentido midiático

Para Verón (1980, 2005, 2013), o sentido fica à mercê de reconfigurações quando materializado em dispositivos de mídia, por conta da variação de diferentes contextos. Para explicitar seu ponto de vista, o autor descreve que a produção de sentidos ocorre – em espaço que chama de polo da produção – mediante gramáticas de produção (GP) e condições de produção (CP) variáveis conforme o ambiente social, econômico, histórico e tecnológico no qual situa-se o enunciador. As GP dizem respeito a crenças, ideologias, valores morais e sociais que guiam o enunciador em sua produção de discurso. Já as CP dizem respeito ao acesso a dispositivos tecnológicos de materialização do sentido, caso da impressão, da gravação ou mesmo da internet, dentre outros exemplos. Uma vez que o enunciador elabora sentidos, guiado pelas GP inerentes a seu contexto social e histórico, e os materializa em dispositivos de mídia conforme as CP disponíveis naquele cenário específico, tem início o que Verón (1980, 2005, 2013) chama de fenômeno midiático.

Conforme o autor, o fenômeno midiático concede ao sentido as potencialidades de persistência – dado que, materializado em suportes de mídia, sobrevive ao transcurso do tempo – e de autonomia, pois, fixo ao suporte, ganha independência em relação ao enunciador, o qual já não tem controle sobre a forma com que o sentido será interpretado no outro polo da semiose, que Verón (1980, 2005, 2013) chama de polo do reconhecimento. Nesse outro polo,

a interpretação poderá ocorrer mediante gramáticas de reconhecimento (GR) e condições de reconhecimento (CR) diferentes das GP e CP, gerando assimetrias entre o sentido proposto no polo da produção e o sentido que irá emergir do esforço interpretativo. Esse processo ocorre no espaço da circulação, delimitado, no campo da semiose, entre o fenômeno midiático e o polo do reconhecimento. A circulação é o lugar situacional da reconfiguração do sentido.

Apoiando-se na perspectiva sistêmica de Niklas Luhmann, Verón (2013) acrescenta que o reconhecimento do sentido se dá mediante uma multiplicidade de GR, considerando-se a multiplicidade de sistemas e de subsistemas sociais em que os indivíduos estão inseridos – cada sistema ou subsistema com suas próprias gramáticas (valores morais e éticos, crenças e operações técnicas específicas). Cumpre lembrar que, para Luhmann (2011), um sistema diferencia-se dos demais por conta do que o autor chama de encerramento operativo, ou seja, pelas operações que só aquele sistema específico realiza, mediante técnicas próprias.

Assim, a título de exemplo, podemos entender o jornalismo como um sistema que realiza operações específicas, com técnicas específicas, para um determinado fim – a narração de notícias –, que são diferentes das operações e técnicas dos outros sistemas, tais como o judiciário ou o econômico, cujas finalidades são outras. Neste viés, podemos inferir que sentidos gerados pelo sistema jornalístico, mediante suas próprias GP, podem sofrer assimetrias quando chegam a indivíduos situados em outros sistemas, nos quais diferentes operações (inclusive, interpretativas) são guiadas por diferentes gramáticas.

Mesmo no interior de um mesmo sistema, as gramáticas variam no transcurso do tempo, não só porque valores morais e éticos variam, mas porque as próprias operações sistêmicas mudam, adaptando-se a diferentes demandas. Afinal, como afirma Luhmann (2011), os sistemas são autopoieticos, ou seja, capazes de adequar suas operações quando fatores externos – que o autor chama de irritações – os obrigam a adaptações para que seja mantida sua atividade fim. A esses fenômenos acrescentam-se as

individualidades psicológicas de cada agente interpretante, possuidor de GR subjetivas e particulares, muitas vezes, independentes do sistema onde está inserido.

Por conta disso, Verón (2013) fala em uma multiplicidade de GR, tão variáveis quanto a existência de sistemas e subsistemas e, ainda, de individualidades psicológicas. O resultado dessa diferença entre GP e múltiplas GR é a reconfiguração do sentido proposto pelo enunciador. Mas há ainda outros fenômenos, estudados pela epistemologia da midiatização, que incidem sobre o sentido, reconfigurando-o, que abordamos em nossa pesquisa. Um deles é a interferência dos atravessamentos.

O conceito de atravessamento decorre do estudo, comum à epistemologia da midiatização, do impacto das novas tecnologias de transmissão de sentidos sobre o escopo social. O advento de tais tecnologias – caso da internet – possibilitou que outros atores também se convertessem em autores de discursos, gerando uma interdiscursividade que é característica de uma nova ambiência social chamada de sociedade em vias de midiatização (FAUSTO NETO, 2013, 2018). Nesse novo bios social, percebe-se uma teia de interações formada por uma pluralidade de discursos, que emergem de todas as direções e tiram de cena a hegemonia discursiva dos meios de comunicação tradicionais (caso dos jornais, revistas, televisões e rádios). Essa sociedade em vias de midiatização, portanto, passa a se organizar mediante múltiplos sentidos, oriundos de inúmeros autores.

Na esteira desses apontamentos, Soster *et al.* (2018) observam que a circulação, nesse novo bios midiático, pode ser entendida como uma zona de atravessamentos e interpenetrações de fluxos de sentido “desautorizados”. Equivale a dizer que, entre os polos de produção e de reconhecimento se estabelecem múltiplos atravessamentos de fluxos de sentido, ou seja, de discursos gerados por indivíduos outros, que, tendo acesso a dispositivos midiáticos – como as redes sociais online –, interferem nos sentidos propostos pelos enunciadores primeiros. O fenômeno ocorre quando indivíduos externos ao

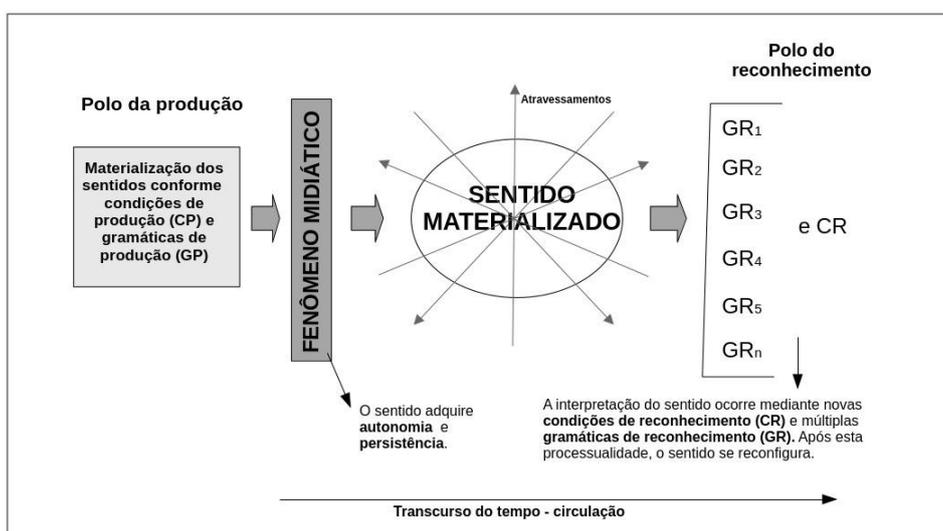
sistema jornalístico utilizam-se da internet para fazer comentários ou mesmo críticas a determinadas notícias veiculadas por meios de comunicação institucionais, gerando assim sentidos (atravessamentos) “não autorizados”.

O fenômeno dá à circulação o aspecto de um ambiente radial, entrecruzado por uma pluralidade de sentidos oriundos de todas as direções, que também exercerão influência sobre o ato interpretativo nas ocasiões em que os agentes situados no polo do reconhecimento têm acesso a tais sentidos outros (atravessamentos). Tal perspectiva insere novos atores no processo de semiose, e os coloca em posições cambiantes: ora no polo do reconhecimento,

ora no polo da produção. Isso porque um agente que se utiliza da internet para gerar um atravessamento (agindo assim como produtor de discurso), o faz provocado por um discurso ao qual teve acesso quando ainda situado no polo do reconhecimento. Na sequência, um atravessamento, ao mesmo tempo em que incide sobre o sentido previsto pelo enunciador primeiro, pode servir de incentivo para que outros atores gerem novos atravessamentos, transformando a circulação em um ambiente entrecruzado por inúmeros sentidos.

O gráfico a seguir busca sistematizar os dois fenômenos que descrevemos até aqui:

Gráfico 1 – O processo de reconfiguração do sentido conforme a midiatização



Fonte: Elaboração do autor com base em Verón (1980, 2005, 2013) e Soster *et al.* (2018)

Nele, podemos observar que a materialização do sentido mediante GP e CP específicas, no polo da produção, gera o fenômeno midiático, que concederá ao sentido as potencialidades de autonomia e persistência, e dá curso à circulação. Na outra ponta – no polo do reconhecimento – percebemos que o sentido será interpretado mediante novas CR e múltiplas GR, variáveis conforme o contexto histórico, social ou mesmo conforme o sistema em que o indivíduo está inserido. Mas, ainda antes disso, o sentido materializado será impactado pelos atravessamentos, que surgem de várias direções e

também exercerão influência no esforço interpretativo.

O que buscamos observar, em nossa pesquisa, foi a influência desses e de outros processos sobre o imaginário, considerando as peculiaridades dessa forma de sentido, tão caracterizada pela subjetividade.

5 Metodologia para observar a reconfiguração do imaginário

Os enunciados que escolhemos para realizar essa análise, e que constituíram o corpus de pesquisa,

foram as narrativas jornalísticas acerca de um episódio ocorrido no Rio Grande do Sul nos anos 1960, que ficou conhecido como o Caso Kliemann. O episódio se inicia no assassinato de Margit Kliemann, esposa do deputado estadual Euclides Kliemann, encontrada morta em sua própria casa, em Porto Alegre, em 20 de junho de 1962, e culmina no homicídio também de Euclides, baleado por um antagonista político em 30 de agosto de 1963 nos estúdios da Rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul (RS).

Crime cercado de mistérios, o assassinato de Margit nunca foi elucidado, ainda que o marido tenha sido apontado como o principal suspeito da polícia – fato amplamente explorado pelos jornais da época. Tal acusação culminou na morte do próprio Euclides, alvejado ao invadir o estúdio da rádio em um momento de revolta, após um rival político, o vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, o Marechal, afirmar aos ouvintes que o deputado era “[...] suspeito no caso havido com sua esposa” (MENEZES, 1963). A emissora estava ao vivo e o discurso de Marechal, seguido pelo grito de Euclides ao invadir o estúdio – “Essa não!” – e pelo estampido do tiro disparado pelo vereador foram gravados. A gravação existe até hoje, tornando-se mostra de sentidos que ficaram preservados (persistência) por terem sido materializados em dispositivos de mídia.

Adotamos as narrativas jornalísticas do Caso Kliemann como corpus de pesquisa ao observar que as particularidades do episódio – como os enigmas em torno da morte de Margit, a brutalidade com que ela foi assassinada (golpeada várias vezes e jogada do alto de uma escada) e o status social dos personagens (membros das altas esferas sociais) – são elementos que dão margem a sentidos da ordem do imaginário, identificáveis com base em nossos cinco indicadores, tais como mistério (indicador 5) e deslumbramento, comoção, choque e revolta (indicador 1). Em uma análise que se debruçou sobre 45 edições de jornais da época, percebemos também a emergência de outros sentidos que compõem nossos indicadores, tais como símbolos socialmente compartilhados e arquétipos (indicador 2), imagens mítico-religiosas (3)

e enunciados que remetem a motor e cimento social (4).

No que toca aos jornais sob análise, nos debruçamos particularmente sobre os já extintos Diário de Notícias (DN) e Última Hora (UH), de Porto Alegre, considerando terem sido os que mais atenção deram ao Caso Kliemann. Cumpre citar que na época – anos 1960 – o dispositivo jornal detinha hegemonia discursiva, mas era fortemente impactado por relações de concorrência entre os jornais. Nesse viés, entendemos que a adesão do DN e do UH ao Caso Kliemann, um episódio marcado por grande apelo emocional, foi fruto de estratégias mercadológicas voltadas à vendagem das edições.

Uma vez tendo adotado esse corpus de pesquisa e observado que dele emergem imaginários, surgiu novo desafio da fase empírica da pesquisa: como constatar as reconfigurações pelas quais teria passado, no transcurso do tempo, o imaginário gerado pelas narrativas jornalísticas da época do Caso Kliemann? Para dar conta dessa necessidade, elaboramos uma segunda metodologia, que consiste na comparação entre os sentidos do imaginário que emergem destas narrativas com os sentidos do imaginário observáveis em narrativas mais recentes do mesmo episódio, considerando as relações de influências que se estabeleceram entre narrativas materializadas em diferentes momentos históricos.

Em busca de narrativas mais recentes sobre o episódio, a opção recaiu sobre o livro-reportagem *Caso Kliemann – A história de uma tragédia*, do jornalista Celito de Grandi, lançado em 2010. Consideramos que, na pesquisa que deu origem ao livro, De Grandi (2010) também se embasou, em grande parte, em releituras dos jornais da época – logo, efetuou, sobre essas narrativas, uma interpretação guiada pelas gramáticas de reconhecimento (GR) de seu tempo, possivelmente distintas em relação às gramáticas de produção (GP) que guiaram os jornalistas dos anos 1960. Considerando que De Grandi (2010) também materializou, em sua obra, as inferências que emergiram de sua releitura, entendemos que o livro poderia ser empregado como um bioindicador das

reconfigurações do imaginário no transcurso do tempo.

A partir daí, a fase empírica da pesquisa consistiu em um comparativo entre excertos, retirados tanto dos jornais da época quanto do livro de De Grandi (2010), onde encontramos construções textuais que, a partir de nossos indicadores – sistematizados na metodologia de identificação do imaginário –, entendemos que remetem a sentidos da ordem do imaginário. Para viabilizar a comparação, tais excertos foram dispostos em tabelas, divididas conforme recortes específicos, carregados de imaginários, acerca do Caso Kliemann, a saber:

- a) Os sentidos do imaginário em relação ao assassinato de Margit;
- b) Os sentidos do imaginário em relação ao trabalho da polícia;
- c) Os sentidos do imaginário em relação a Euclides Kliemann;
- d) Os sentidos do imaginário em relação à Dama de Vermelho, personagem supostamente vista saindo da casa dos Kliemann no dia em que Margit foi assassinada; e
- e) Os sentidos do imaginário em relação à Madame Ninon, cartomante que se apresentou à polícia afirmando ter informações sobre o assassinato de Margit.

A partir da análise dos sentidos do imaginário que emergem de determinados excertos, distribuídos nas tabelas conforme o recorte específico a que pertencem, foi possível fazer um comparativo entre o imaginário que emerge da narrativas dos jornais da época e o imaginário que surge a partir da releitura de De Grandi (2010) e, então, observar momentos em que esses sentidos passaram por reconfigurações.

6 Um recorte da análise empírica

Para demonstrar como se deu a análise empírica, apresentaremos aqui algumas constatações em torno do recorte da Dama de Vermelho. Essa personagem aparece pela primeira vez na edição de 23 de junho de 1962 do Diário de Notícias. Conforme o

jornal, tratava-se de uma mulher, trajando um vestido vermelho, que deixou a casa dos Kliemann no dia do assassinato de Margit, a bordo de um táxi. Ela nunca viria a ser encontrada pela polícia e, para De Grandi (2010), sequer existiu – teria sido inventada por um repórter do DN para dar uma “apimentada” no Caso Kliemann. Já na capa de 23 de junho do DN, uma chamada sob o título “Dama de Vermelho foi vista saindo do local do crime” apresenta aos leitores essa nova personagem, e afirma que

Uma mulher – vestida de *vermelho, elegantemente*, – pediu a presença de um motorista de praça no palacete do Bairro Moinhos de Vento, às primeiras horas da tarde, de onde se transportou para o centro da cidade. As autoridades policiais estão procurando localizar a *dama de vermelho*, que poderá fornecer *dados preciosos* sobre os minutos que antecederam o crime, ou, quiça, sobre o próprio assassinato da senhora Margit Kliemann. (DAMA DE..., 1962, p. 1, grifos nossos).

Grifamos no excerto as expressões que, conforme nossos indicadores, são potenciais geradores de sentidos do imaginário. Partindo do pressuposto que a Dama foi uma criação ficcional, acreditamos que a opção pelo vermelho como a cor de suas vestes não foi por acaso. Entendemos que o vermelho – a cor da paixão e da violência – é um símbolo socialmente compartilhado (indicador 2), capaz de gerar, em torno desta personagem, um imaginário de mulher fatal, passional, perigosa. Também observamos que as expressões *elegantemente* e *dama* indicam que a personagem seria pessoa de elevado status social, uma olimpiana moderna, o que remete ao indicador 3. Já a expressão *dados preciosos*, ao adjetivar as informações que a Dama de Vermelho poderia supostamente repassar à polícia, gera um excedente de significação (indicador 1) acerca da importância dessas informações e mesmo dessa personagem para a resolução do caso. Vemos no excerto, portanto, série de expressões potencialmente geradoras de imaginários em torno da Dama de Vermelho.

Principal concorrente do DN, o jornal Última Hora acabaria se rendendo ao aparecimento desta personagem e também viria a dar destaque à Dama

de Vermelho em suas páginas destinadas à cobertura do Caso Kliemann. Na edição de 6 de julho de 1962, o UH traz um texto em que o jornalista Sérgio Jockymann descreve a agonia vivida pela mulher que teria deixado a casa dos Kliemann na tarde do assassinato. O excerto abaixo traz fragmentos da matéria:

Há uma mulher em Porto Alegre que sabe a verdade. Há 17 dias que *anda com a verdade guardada dentro de quatro paredes, economizando os minutos, na esperança de não ser descoberta*. [...] Esta é a *longa tortura do medo* que há 17 dias vive em companhia da mulher que sabe a verdade sobre o Caso Kliemann. *Chovia quando ela fugiu sem olhar para trás*. Na rua deserta, ela era apenas uma mulher de passo apressado *jogando contra a sorte*. Houvesse um grito [...] e ela não conseguiria ficar no anonimato por tanto tempo. Mas naquela *tarde chuvosa a sorte estava a seu favor* e quando ela entrou no carro *foi como se tivesse despertado de um pesadelo*. (JOCKYMANN, 1962, p.8-9, grifos nossos).

Observamos no excerto um novo imaginário em torno da Dama de Vermelho. Aqui, a imagem de mulher fatal e perigosa, construída pelo DN, dá lugar ao imaginário de uma pessoa que vive a agonia de se esconder enquanto guarda um segredo, sabendo que a qualquer momento pode ser descoberta, mas alimentando a frágil esperança de que isso não aconteça. Entendemos que esse sentido se manifesta de forma simbólica (indicador 2) quando Jockymann descreve que a mulher *anda com a verdade guardada dentro de quatro paredes, economizando os minutos*; e ganha força quando o autor diz que ela vive uma *longa tortura do medo*, aqui, uma expressão que remete a um excedente de significação (indicador 1).

Também por meio de construções simbólicas (2), Jockymann gera um imaginário em torno de alguém que age como um criminoso, dado que *fugiu sem olhar para trás*, mas que tem ideia da gravidade do crime, uma vez que ter se afastado do local *foi como se tivesse despertado de um pesadelo*. Também nos chama a atenção a opção do autor em destacar, em dois momentos, que chovia quando a Dama de Vermelho deixou o casarão, detalhe que remete à simbologia (indicador 2) dos dias escuros e chuvosos,

quando coisas ruins acontecem². Por fim, o jornalista ainda faz referência ao fato de a Dama ter jogado *contra a sorte*, que estava ao seu lado naquele dia. Neste ponto, Jockymann traz à baila a crença nos poderes da sorte ou do azar, que relacionamos a um imaginário de ordem mítico-religiosa (indicador 3).

Cumpramos destacar que, embora o UH ofereça um imaginário diferente em relação ao apresentado pelo Diário de Notícias, ainda há, na descrição de Jockymann, um imaginário em torno de uma mulher misteriosa que participou ou foi testemunha do assassinato de Margit. Esse imaginário começa a ser colocado à prova a partir de manifestações de Euclides Kliemann, que passa a questionar a existência desta personagem. Inferimos que, nesse movimento, o deputado atua como um agente enunciativo externo ao jornais, cujos enunciados podem ser entendidos como fluxos de sentidos que se contrapõem aos sentidos oferecidos pelos autores primeiros – ou seja, podem ser entendidos como atravessamentos (SOSTER *et al.*, 2018).

Um desses atravessamentos foi um discurso do deputado proferido na Assembleia Legislativa e reproduzido na íntegra na edição de 26 de outubro de 1962 pelo próprio UH, que, desta forma, encarregou-se de materializar os sentidos propostos por Kliemann. Ao elencar críticas à polícia na condução das investigações, o deputado afirma:

Depois *era uma* “Dama de Vermelho”, que *seria* já conhecida das autoridades, mas jamais ouvida, ao que se soubesse. [...] Veio depois uma garota de boate, da qual o responsável pelas investigações afirmou: “Tenho certeza de que ela tem ligações com o Deputado. Hei de ouvi-la e, quando isso acontecer, tudo será esclarecido! Pois, ela foi ouvida. E depois disso, aquela autoridade teve que confessar ser ela estranha a tudo. (DISCURSO..., 1962. p. 9, grifos nossos).

Em seu discurso proferido em outubro de 1962, Euclides dá a entender, de forma indireta e simbólica (indicador 2), que a Dama de Vermelho já era assunto

²Frye (2000) cita que as narrativas míticas e literárias seguem arquétipos que reproduzem os ciclos da natureza. Segundo o autor, dentre as fases dessas narrativas estão a do crepúsculo e outono, quando ocorre a violência, a traição, a queda do herói e a morte.

do passado, conforme indica a expressão *era uma* “Dama de Vermelho”, conjugada no pretérito. Também usa, da mesma forma, um verbo na condicional: *seria*. Na fala, o deputado elenca pistas que, segundo ele, não levaram a polícia a lugar algum e foram descartadas. Isso é perceptível na referência à “garota da boate”, uma jovem que foi interrogada sob suspeita de ser a Dama de Vermelho e que comprovou não ter relação com o caso.

Acreditamos que os atravessamentos oferecidos por Euclides, ao colidirem contra o discurso dos jornais, podem ter exercido influência na releitura de De Grandi (2010), assim como as atualizações de gramáticas que ocorreram no transcurso do tempo. Nossa hipótese de que a releitura do autor, realizada quase 50 anos depois da época da produção das narrativas sobre o caso pelos jornais, apresenta um imaginário reconfigurado, é corroborada por excertos como o apresentado a seguir:

É quando surge, dois dias depois do crime, o personagem *mais fantástico* de quantos apareceram ao longo das investigações: a “dama de vermelho”, capaz de suscitar um *rol infundável* de suspeitas, insinuações e boatos. Foi Leopoldo e Silva que trouxe à baila a *misteriosa* mulher, *talvez fruto de sua imaginação*. [...] O *teórico furo* foi um *golpe* para a Última Hora. (DE GRANDI, 2010, p.100-101).

Ao abordar o aparecimento da Dama de Vermelho no Diário, De Grandi (2010) emprega expressões que geram excedentes de significação (indicador 1) para qualificar tal personagem, descrito como o *mais fantástico* e capaz de suscitar um *rol infundável* de suspeitas, insinuações e boatos. Também assinala o caráter de mistério (5) da Dama, mas, em outra expressão que a qualifica por meio de um transbordamento de sentidos (1), afirma que foi *talvez fruto da imaginação* do repórter Leopoldo e Silva. Ao final, a palavra *teórico* sugere, por vias simbólicas (2), que a manchete não seria um furo de reportagem, dado que não trouxe uma notícia, mas uma invenção ficcional. Ainda assim, foi *um golpe* – expressão que remete a excedente de significação (1) – ao jornal concorrente.

Ao longo de sua abordagem sobre a Dama de Vermelho, De Grandi (2010) insinua, como pode ser visto no excerto acima, que ela teria sido uma invenção ficcional de Leopoldo e Silva. Em outros pontos, chama essa personagem de “figura mítica” (p.61), classifica Sérgio Jockymann como “[...] um ficcionista por excelência” (p. 98) e conclui afirmando que “[...] o tempo se encarrega de esmaçar a presença da dama de vermelho no episódio” (p.111), aqui, uma expressão que indica, pelo viés simbólico (2), que a personagem simplesmente desapareceu do noticiário.

A partir de De Grandi (2010), o imaginário que surge em torno da Dama de Vermelho é outro. De mulher perigosa, fatal, apaixonada, mas também mergulhada em medo e angústia, ela se converte em uma fraude, uma personagem inventada com interesses escusos, para “apimentar” o Caso Kliemann e suscitar a venda de jornais num contexto de forte concorrência entre o Diário de Notícias e o Última Hora. Seu caráter de “figura mítica” agora é outro: ela já não é um personagem equivalente aos heróis, vilões ou criaturas fantásticas dos mitos, uma vez que, em De Grandi (2010), a expressão *mítica* não remete ao mito em si, mas exerce a função simbólica de transmitir a sensação de inverdade.

7 Considerações finais

Nessa análise, constatamos que fenômeno observado em relação à Dama de Vermelho mostra que, mesmo o imaginário, em que pese suas peculiaridades, também está à mercê de reconfigurações a partir dos fenômenos que se estabelecem após a materialização dos sentidos.

No caso do recorte em torno de Madame Ninon, cartomante que procurou a polícia afirmando ter relevações sobre o assassinato de Margit, houve reconfigurações do imaginário bastante semelhantes ao que ocorreu em relação à Dama de Vermelho. O Diário de Notícias, que dedicou grande atenção a Madame Ninon, a apresenta como cartomante, médium esotérica e astróloga, fazendo gerar em torno desta personagem uma aura mística, um imaginário de

caráter mítico-religioso (indicador 3) calcado na crença no sobrenatural, nos poderes de prever o futuro e na capacidade de se comunicar com os mortos. Já na releitura de De Grandi (2010), esse imaginário místico se reconfigura, adquirindo contornos muito semelhantes aos que o autor faz emergir em torno da Dama de Vermelho: Madame Ninon, ainda que fosse uma pessoa real, converte-se também em uma fraude – uma mulher com interesses escusos, que se aproveitara de um crime para angariar visibilidade.

Em consonância com a epistemologia da midiatização, entendemos que as reconfigurações do imaginário que observamos em relação à Dama de Vermelho, à cartomante e a outros recortes observados – em relação à polícia e ao próprio Euclides Kliemann – decorrem de fenômenos que se processaram no espectro da circulação, entre a materialização do sentido, no polo da produção, e a interpretação do sentido, no polo do reconhecimento.

Um desses fenômenos são os atravessamentos (SOSTER *et al.*, 2018) que, embora mais perceptíveis na atual sociedade em vias de midiatização – onde a disponibilidade de plataformas de mídia online permite a emergência de novos atores –, também foram detectados em nossa pesquisa em enunciados materializados nos anos 1960. Trata-se de enunciados que partiram do próprio Euclides, ou mesmo, produzidos pelos próprios jornais para contrapor sentidos oferecidos pelos jornais concorrentes. No recorte de Madame Ninon, por exemplo, encontramos publicação do Última Hora que ironiza os poderes místicos atribuídos à cartomante pelo Diário de Notícias. Acreditamos que tais atravessamentos tiveram influência sobre a releitura de De Grandi (2010).

O outro fenômeno foi a variação entre gramáticas de produção (GP) e gramáticas de reconhecimento (GR) citada por Verón (1980, 2005, 2013). Entendemos que De Grandi (2010) realizou sua releitura do caso sob influência de novas GR, neste caso específico, geradas por dois fatores preponderantes. Um deles é o fato de que De Grandi (2010), por ocasião de sua releitura, contava com insumos ainda indisponíveis aos leitores da época: ele

já sabia que a Dama de Vermelho jamais seria encontrada, que a cartomante nada tinha a oferecer à investigação, que a morte de Margit jamais seria elucidada e que Euclides – apresentado pelos jornais como suspeito do assassinato – viria a ser morto e, postumamente, inocentado.

Outro fator ainda foi a variação de gramáticas que se processou, ao longo do tempo, dentro do sistema jornalístico – entendendo-se, conforme a visada de Luhmann (2011), que o jornalismo também pode ser entendido como um sistema. Segundo o próprio De Grandi (2010) assinala, à época do Caso Kliemann, a mescla de realidade e ficção – caso da Dama de Vermelho – nas reportagens era praxe adotada para atrair o interesse do leitor, o qual não dispunha de meios para discernir o que era real e o que era invenção dos jornalistas. Trata-se de uma prática que, de lá para cá, buscou-se abolir do sistema jornalístico por conta do desenvolvimento de gramáticas calcadas no compromisso com a ética e com a veracidade dos fatos. Neste aspecto, inferimos que os jornalistas da época do Caso Kliemann construíram suas narrativas embasados por GP que permitiam essa mistura entre realidade e ficção, ao passo que De Grandi (2010) realizou sua releitura com base em GR que não mais toleram essa prática.

Por outro lado, também observamos que determinados sentidos do imaginário permaneceram estáveis na comparação entre as narrativas jornalísticas da época com a releitura de De Grandi (2010). É o caso da comoção e do choque gerados pelo assassinato de Margit. Tanto dos jornais da época quanto do livro de De Grandi (2010) emerge, em torno do crime, um imaginário de choque, comoção e revolta – um excedente de significação – por conta da brutalidade do homicídio e do status social da vítima. Inferimos que tal estabilidade do imaginário ocorre porque, neste caso, as gramáticas permaneceram estáveis no transcurso do tempo. Equivale a dizer que o brutal assassinato de uma mulher da alta classe social ainda é encarado, mediante os valores sociais atuais – ou seja, conforme as GP e GR atuais –, como um fato comovente e repulsivo. Entendemos que essa constatação

corroborar a relevância atribuída por Verón (1980, 2005, 2013) às gramáticas como fatores de reconfiguração do sentido, uma vez que, ao mesmo tempo em que a variação de gramáticas gera reconfigurações, a estabilidade das gramáticas as posterga.

Acreditamos que isso é indício de que o imaginário – bem como, outras classes de sentidos – pode apresentar tanto reconfigurações quanto estabilidade, conforme as transformações (ou não transformações) pelas quais passam os valores sociais, culturais ou ideológicos que permeiam a vida em sociedade e que Verón (1980, 2005, 2013) classifica como gramáticas. No cômputo final, essas inferências denotam complexidades que desafiam as pesquisas voltadas ao imaginário e à mediação, complexidades essas que sinalizam para a pertinência de se trabalhar em uma perspectiva de imbricação entre essas e outras epistemologias interessadas no sentido.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DAMA DE VERMELHO foi vista saindo do local do crime. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 23 jun. 1962. p 1.
- DE GRANDI, Celito. *Caso Kliemann: a história de uma tragédia*. Porto Alegre: Literaris/Edunisc, 2010.
- DISCURSO DO DEPUTADO. *Última Hora*, Porto Alegre, 26 out. 1962. p. 9.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa, Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz et al. (Org.). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. p. 43-64.
- FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma - Midiatização, Cultura, Narrativas*. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, dezembro 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em: 18 jun 2019.
- FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 288 p.
- JOCKYMANN, Sérgio. Há uma mulher que sabe tudo. *Última Hora*, Porto Alegre, 6 jul. 1962. p. 8-9.
- JUNG, Carl G.. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 19-103.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2011. 414 p.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MENEZES, Floriano Peixoto Karan. *Discurso na Rádio Santa Cruz*. 1963. Arquivo de áudio mp3 (1,53 min).
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: O espírito do tempo 1 - neurose*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 204 p.
- SILVA, Juremir Machado da. *Diferença e descobrimento: o que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação)*. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- SOSTER, D. A. et al. Os circuitos múltiplos e as zonas intermediárias de circulação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATEZ E PROCESSOS SOCIAIS, 2018, São Leopoldo. Anais... São Leopoldo: UNISINOS/Casa Leiria, 2018. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-mediatizacao-artigos/article/view/203>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- VERÓN, Eliseo. *A produção do sentido*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1980. 238 p.
- VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005. 286 p.
- VERÓN, Eliseo. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós, 2013. 448 p.